

## **TRAJETÓRIAS E VISÕES NATIVAS NO MUSEU: EXPOSIÇÃO “A TERRA FALA: HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS INDÍGENAS PARA UM MUNDO EM CRISE”**

JEFFERSON FOSTER DA SILVA<sup>1</sup>; MARIA EDUARDA FERREIRA SANTANA<sup>2</sup>;  
RAFAEL GUEDES MILHEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – foster.dasilva@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – ms.mariaeduardaferreira@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – milheirarafael@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Neste texto, apresentamos um breve relato sobre a exposição “A Terra Fala: histórias e narrativas indígenas para um mundo em crise”, atualmente sediada no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Através dessa exposição, comunicamos conhecimentos arqueológicos, etnológicos e tradicionais sobre as histórias, modos de viver e visões de mundo das populações indígenas do Sul do Brasil, além de discutir e contrastar os distintos “efeitos” e “impactos” ambientais das trajetórias e perspectivas indígenas e ocidentais na região. Também traremos dados iniciais sobre a recepção do público, coletados por meio de procedimentos etnográficos, como questionários e observações diretas, levando em conta que a exposição foi inaugurada recentemente (dia três de outubro de 2024).

A exposição foi realizada com base nos resultados das pesquisas promovidas pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL), onde muitos profissionais e estudantes se dedicam à temas associados à Arqueologia e História Indígena, sobretudo referente à região sul do Rio Grande do Sul. Em parceria com o Museu de História Natural Carlos Ritter, buscamos estabelecer um diálogo entre os acervos arqueológicos, salvaguardados na Reserva Técnica do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPEL, e os acervos biológicos disponíveis no museu.

Ao combinar Arqueologia e Etnohistória, revelamos as trajetórias e artefatos deixados pelas comunidades indígenas que habitaram o Rio Grande do Sul desde, pelo menos, 12.700 anos atrás. Além disso, integrando conhecimentos etnológicos e tradicionais, exploramos as distintas visões de mundo das populações indígenas do Sul do Brasil e os profundos impactos da colonização europeia. Assim, buscamos conscientizar o público sobre as diferentes concepções de “Terra” — as das populações nativas e das populações “ocidentais”, de ascendência europeia — e como essas perspectivas contribuíram de maneira desigual para a gênese das crises ambientais atuais.

### **2. METODOLOGIA**

Conforme BORDINHÃO, VALENTE e SIMÃO (2017, p. 11), uma exposição resulta de esforços coletivos e individuais, integrando um sistema de comunicação que visa representar e transmitir conhecimentos, narrativas e vivências. Com isso em mente, iniciamos a concepção da maior e mais extensa exposição de Arqueologia Indígena vinculada ao LEPAARQ/UFPEL.

Sob a ótica dos diferentes processos que constituem o “fazer” arqueológico, exposições em museus comumente são classificadas no âmbito da etapa de “extroversão” (FUNARI, 2010). Conforme PEREIRA (2015, p. 33-34), esse conceito

está ligado a comunicar, promover e disseminar informações, expressando o desejo de potencializar a capacidade comunicativa das coleções, tornando-se essencial para a preservação do patrimônio.

Dito isso, nosso objetivo foi “extroverter”, comunicar, conhecimentos etnohistóricos, etnológicos e tradicionais em associação com os acervos arqueológicos e biológicos, desafiando, sobretudo, a tradição popular de retratar as populações indígenas como “atrasadas” ou habitantes de um passado distante. Essa abordagem está relacionada à descolonização das práticas e conhecimentos, considerando a ascendência colonialista das ciências e dos museus (KURI, 2017; LANDER, 2005). Assim, ao expor não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também, e sobretudo, as narrativas indígenas a um público amplo, buscamos amplificar o alcance das reivindicações e ensinamentos desses povos.

Diante da estrutura do Museu, tivemos que dividir a exposição em dois módulos complementares dispostos em salas diferentes. No Módulo I, abordamos mais de 12 mil anos de presença indígena no Sul do Brasil, apresentando artefatos associados a cinco tradições arqueológicas, cada uma relacionada a diferentes povos indígenas: as populações paleoindígenas, ligadas às Tradições Umbu e Humaitá; os construtores de sambaquis do litoral atlântico; os ancestrais dos Charrúa e Guenoa/Minuano, associados à Tradição Vieira; os ancestrais dos Guarani, vinculados à Tradição Tupiguarani; e os povos Jê do Sul, representados pela Tradição Itararé-Taquara, cujos descendentes incluem os Kaingang e Laklaño/Xokleng. Desta forma, produzimos: um banner com uma “linha do tempo” dos principais acontecimentos históricos referentes à ocupação indígena da região; cinco banners associados às “tradições arqueológicas”, às populações indígenas pretéritas e a uma série de artefatos correlacionados; um banner referente às atividades econômicas e demais relações que estas populações constituíram com os animais e plantas presentes na região. Além disso, exibimos uma produção visual em uma tela que aborda a ocupação indígena do Rio Grande do Sul, proporcionando uma alternativa dinâmica para apresentar os conteúdos.

Ainda, expomos mapas mostrando os antigos territórios dessas populações, imagens dos principais sítios arqueológicos referentes a cada conjunto de populações indígenas, suas datações e localização. Também comunicamos uma série de reconstituições faciais forenses feitas a partir de remanescentes humanos oriundos de contextos arqueológicos, que, entendemos, auxiliaram a mostrar as pessoas por trás dos artefatos pretéritos.

No Módulo II, focamos nas diferentes perspectivas indígenas e ocidentais sobre a “terra” e seus impactos. Criamos materiais expográficos associados aos povos Charrúa, Mbyá, Chiripa-Guarani, Kaingang e Laklaño/Xokleng, enfatizando sua preocupação comum, de ascendência milenar, com o bem-estar da “terra” e das demais “coisas” e seres que costumamos reunir sob o conceito de “Natureza”.

De modo geral, como narram os nativos e corroboram os trabalhos etnográficos e etnológicos, as populações indígenas não costumam separar os domínios da “Natureza” e “Cultura”, de forma a não “limitar” ou “restringir” a concepção de “humanidade”, como “condição” e “potencialidades” associadas, aos seres que entendemos como pertencentes à “espécie humana”. Nesta lógica, “coisas” podem ser “seres”, e “seres” podem ser “humanos”, “não-humanos” ou “sobrehumanos”, ainda que boa parte, ao menos interna e/ou sutilmente, seja vista como dotada de “humanidade” (DESCOLA, 2015; VIVEIROS DE CASTRO, 2014).

Dito isso, este módulo incluiu: três banners, um associado à história e cosmovisão dos Charrúa, um a dos povos Guarani e um dos povos Jê do Sul, correlacionados a um número análogo de pequenos expositores de vidro contendo

artefatos arqueológicos dotados de forte apelo simbólico; uma tela onde comunicamos uma produção visual que associava falas de representantes indígenas a questões contemporâneas, como as catástrofes ambientais atuais; uma mesa com um mapa da cidade de Pelotas, onde, dentre outras coisas, comunicamos e indicamos a implementação da Unidade de Conservação do Pontal da Barra como um dos modos de proteger os ambientes húmidos, e nossa “terra”, da destruição eminente.

Em termos de “recursos humanos”, de colaboradores, contamos, semanalmente, com mediadores voluntários e fixos do Museu, responsáveis por conduzir o público entre os módulos, mediar os conhecimentos, sanar dúvidas e solicitar feedback. Antes da inauguração da exposição, realizamos reuniões e elaboramos materiais de apoio para capacitar os mediadores sobre os conteúdos a serem compartilhados.

Para avaliar a recepção da exposição, utilizamos QR Codes que direcionavam os visitantes a um formulário virtual, coletando dados pessoais (gênero, etnia, idade), frequência de visitas ao Museu, procedência e nível de discordância entre seus conhecimentos prévios e os ofertados, níveis de satisfação e sugestões de aprimoramento. Também elaboramos formulários específicos para escolas que trouxeram suas turmas, visando medir a satisfação e os impactos sociais dos conteúdos apresentados. Além disso, realizamos procedimentos etnográficos para coletar narrativas e percepções dos mediadores e visitantes.

Por fins de acessibilidade, além dos conteúdos em vídeo, confeccionamos uma “caixa sensorial” com exemplares de artefatos arqueológicos aptos ao manuseio. Também organizamos eventos associados à exposição, apresentando outras formas de comunicar e aprofundar os conhecimentos comunicados. Assim, contamos com um evento de inauguração e uma mesa redonda com professores do Departamento de Arqueologia, que discutiram sobre “Arqueologia e histórias indígenas de longa duração no RS”.

Até o momento, recebemos pessoas com idades entre 5 e 70 anos, o que fez com que nossas mediações fossem tanto desafiadoras quanto ricas e gratificantes. Desde a inauguração da exposição, diariamente averiguamos as informações coletadas através dos formulários. Deste modo, podemos informar nossos mediadores sobre questões específicas para rearticular e/ou aprimorar as nossas ações conforme as sugestões e opiniões recolhidas. Também, caso seja necessário, estes dados auxiliam a prestar uma rápida gestão de danos e/ou de eventuais conflitos.

### **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**

As entrevistas informais com mediadores e visitantes, assim como o próprio registro das mediações e experiências a partir de observações diretas, revelaram um padrão de interesse que destaca o contraste entre os conhecimentos exibidos e aqueles previamente dominados pelo público. As pessoas demonstraram surpresa ao serem expostas a informações arqueológicas atualizadas, que desafiam concepções superadas como a do “vazio demográfico” que oculta e/ou minimiza a densidade da presença indígena pretérita e atual na região. Além disso, a sofisticação tecnológica dos artefatos indígenas impressionou os visitantes, levando-os a questionar a autoria das peças e refletir sobre os preconceitos que cercam os povos nativos. Sobre isso, cabe salientar que, ao manifestar certos preconceitos, muitas pessoas não pareciam compreendê-los como tal.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

Abordar as histórias e narrativas indígenas representa um desafio significativo, especialmente devido à persistência de visões e ações ocidentais predominantes. Esse cenário dificultou a apresentação de alternativas viáveis às formas de viver hegemônicas, dado que frequentemente não são reconhecidas como relevantes e/ou aplicáveis diante dos conhecimentos e vivências prévias dos visitantes. Neste cenário, um dos primeiros passos que propomos ao público é “aprender a desaprender”, isto é, incentivar a reflexão crítica e a desconstrução de inverdades enraizadas nas tradições colonialistas que ainda permeiam as ciências e as instituições.

Receber um público tão heterogêneo, frequentemente ao mesmo tempo, apresentou desafios, mas também ofereceu experiências enriquecedoras. Observamos que, embora a diversidade etária fosse ampla, a variação étnica foi preocupantemente baixa: 87,5% dos respondentes se identificaram como “Branco”. Outra discrepância nítida diz respeito ao público escolar, dado que até então recebemos, sobretudo, escolas particulares.

Estes dados preliminares revelam a necessidade da adoção de estratégias mais eficazes por parte das instituições, para que comunidades diversas sejam alcançadas e envolvidas, garantindo que as suas vozes e histórias sejam amplamente representadas e respeitadas.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORDINHÃO, K.; VALENTE, L.; SIMÃO, M. S. Caminhos da memória: para fazer uma exposição. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

CURY, M. X. Lições indígenas para a descolonização dos museus: processos comunicacionais em discussão/Indigenous people's lessons for decolonizing museums: communication processes under discussion. Cadernos Cimeac, v. 7, n. 1, p. 184-211, 2017.

DESCOLA, P. Além de natureza e cultura. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 3, n. 1, p. 7-7, 2015.

FUNARI, P.P. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2010, 125p.

LANDER, E. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

PEREIRA, D. "Reserva técnica viva": extroversão do patrimônio arqueológico no laboratório de arqueologia Peter Hilber. 2015. 159f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem. Editora Cosac Naify, 2014.